

Antigos ceramistas do Pará



LAURABEAATRIZ

■ Fonte ambulante de alergia

Quem tem alergia começa logo a espirrar ou tossir assim que entra em um carro. Parece ter alergia ao próprio carro. Mas não. Quase metade dos automóveis é também depósito ambulante de proteína de ácaros ou de pêlos de cães e gatos que põem em ebulição os mecanismos de defesa do corpo humano. Resultados: espirros, nariz escorrendo, coceira no olho. Em uma palavra, alergia. O acúmulo dessas proteínas, chamadas alérgenos, revela um pouco dos hábitos dos proprietários dos carros, concluiu Ernesto Taketomi com sua equipe da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Minas Gerais. Munidos de um aspirador de pó portátil, os pesquisadores coletaram amostras de poeira do banco do motorista e do passageiro de 60 carros de passeio e de 60 táxis. A poeira dos táxis continha mais alérgenos de ácaros que os automóveis particulares. Em quatro de cada dez táxis havia proteínas de ácaros em concentrações elevadas o suficiente para causar alergia, problema observado em apenas 5% dos

Começou em 2000 o levantamento sobre o potencial arqueológico da serra do Sossego, no município paraense de Canaã dos Carajás, que seria atingido por um projeto de exploração de cobre da Companhia Vale do Rio Doce. Em seis anos os pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi coletaram 30 mil fragmentos cerâmicos – o mais antigo de 2 mil anos e o mais recente de cerca de 500 anos. A partir desses

vestígios, incluindo lâminas de machado de pedra, pingentes de pedra, pilões e urnas funerárias, os arqueólogos concluíram que essa região do sudeste do Pará fora habitada por horticultores da tradição ceramista tupi-guarani, de formas mais simples se comparadas com as marajoara e tapajônica. Os arqueólogos, cujo trabalho ajudou a salvar quatro sítios arqueológicos, trabalharam com os educadores, que criaram

um projeto de educação patrimonial, com pesquisa sociocultural, exposições, oficina de artes, visitas e distribuição de livros. Deu tão certo que os moradores e artesãos locais, por meio de uma carta com 170 assinaturas, pediram a continuidade do trabalho. Já os artesãos do município vizinho de Parauapebas solicitaram que os pesquisadores do Museu Goeldi comecem a trabalhar também por lá. ●

carros de passeio, de acordo com o artigo publicado no *Journal of Investigational Allergology and Clinical Immunology*. A razão dessa diferença é que em Uberlândia, como

em muitas cidades do interior, os taxistas estacionam seus carros à sombra com os vidros abertos para manter a temperatura interna amena, criando um ambiente favorá-

vel à proliferação dos ácaros. Já os donos dos veículos de passeio não se importam em parar o carro sob sol forte – o calor ajuda a eliminar os ácaros. O problema com os carros de uso privado é outro: em metade deles o nível de uma proteína encontrada no pêlo de cães era elevado a ponto de deixar alerta o sistema de defesa ou mesmo disparar uma crise alérgica. A contaminação do veículo, claro, está associada à presença de um animal de estimação em casa. Mesmo que o dono não o leve para passear de carro, como constatou a equipe de Taketomi em um estudo anterior. ●

MIGUEL BOYAVAN



Nos bancos: proteínas de ácaros e de pêlos de animais



LAURABEATRIZ

■ Intoxicações em alta escala

No Mato Grosso do Sul os agrotóxicos estão eliminando mais do que as pragas agrícolas. Estão matando os trabalhadores rurais, segundo estudo publicado na *Science of the Total Environment*. Nesse trabalho Maria Celina Recena e Dario Pires, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, e Eloisa Dutra Caldas, da Universidade de Brasília, analisaram 1.355 casos de envenenamento por defensivos agrícola registrados no estado de 1992 a 2002. Encontraram dados alarmantes: em 37% dos casos, a intoxicação foi intencional. Embora os casos de envenenamento no Mato Grosso do Sul representem só 2,4% das intoxicações por pesticidas no país, a proporção de mortes ali é de 13%, quatro vezes superior à média nacional. Os mais atingidos são os homens, com idade entre 20 e 50 anos. A taxa mais elevada de intoxicação foi encontrada na região da capital, Campo Grande, provavelmente porque ali o registro das intoxicações é mais preciso do que no restante do estado – estima-se que para cada caso de envenenamento registrado no país existam outros 50 não-identificados. A segunda região mais afetada é a de Dourados, pólo agrí-

cola e segunda maior produtora no Mato Grosso do Sul de algodão, cultura que consome quase 80% dos agrotóxicos usados no Brasil. O país é o terceiro maior consumidor de defensivos agrícolas do mundo. •

■ Células-tronco restauram fígado

Radicado nos Estados Unidos desde 1962, o médico brasileiro Nelson Fausto conseguiu isolar uma linhagem estável de células-tronco de

fígados fetais humanos. Implantadas em camundongos com imunodeficiências e danos agudos no fígado, elas se diferenciaram em outros tipos de células, como hepatócitos e células ductais biliares, e restabeleceram parte do órgão que havia sido danificada. Mas ainda há muito a fazer em laboratório antes que essa técnica experimental possa ser adotada em procedimentos médicos com seres humanos, alerta Fausto, chefe do Departamento de Patologia da Universidade de Washington, em Seattle, e autor principal do estudo publicado na revista *PNAS* detalhando os resultados. •

As cicatrizes sociais do câncer

Quem sobrevive a um câncer nem sempre está livre de marcas que podem ir além das cicatrizes de uma cirurgia. Os tumores, em especial os detectados em estágio avançado, podem afetar a vida econômica e social de quem superou a doença e dos que estão à sua volta, por incapacitar as pessoas para o trabalho e reduzir a renda familiar. A equipe de Luiz Paulo Kowalski, do Hospital do Câncer A. C. Camargo, em São Paulo, entrevistou 301 pessoas que haviam tido tumor de boca, faringe ou laringe e estavam livres do problema havia pelo menos dois anos. Um terço dos entrevistados se tornou inapto para o trabalho mesmo após superar esses tipos de tumor. A renda familiar caiu muito em 42% dos casos. O principal fator de risco associado à incapacitação para o trabalho

foi a baixa escolaridade: 80% dos entrevistados não haviam completado o ensino médio. Duas hipóteses ajudam a compreender esses resultados, detalhados nos *Archives of Otolaryngology – Head and Neck Surgery*. Pessoas com nível sociocultural mais elevado estariam mais bem preparadas para lidar com o câncer e suas sequelas. Outra explicação: as pessoas com menor escolaridade geralmente trabalham em atividades que exigem força física, reduzida pela enfermidade. Para os autores desse estudo, os resultados podem mostrar quem precisaria passar por uma reabilitação mais intensiva para facilitar a volta ao trabalho. Se a reabilitação não desse certo, essas pessoas deveriam receber um suporte social mais abrangente. •



Cabeça de soldado, 1504-1505, obra inacabada de Leonardo da Vinci

MUSEUM OF FINE ARTS